
O rádio AM trocou o *dial*: um panorama da migração para o FM nas emissoras catarinenses¹

Karina Woehl de FARIAS²
Valci Regina Mousquer ZUCULOTO³

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa sobre a reconfiguração do rádio catarinense pela migração do AM para o FM, quando o meio vive um dos seus fenômenos mais determinantes relacionados às ondas hertzianas. A radiofonia de Santa Catarina iniciou a migração de *dial* em 2016, contando com 99 estações em AM. Até julho de 2021, deste total, 66 rádios já haviam trocado para o FM. As estratégias metodológicas incluem investigação quali-quantitativa, exploratória, histórica, com análises documental e de programação radiofônica, entre outras. Os principais resultados, até o momento, evidenciam adaptações das emissoras na plástica/estética, aumento dos espaços musicais e de prestação de serviço, maior potencial para prática do jornalismo, sobretudo o local, bem como adesão a redes, além de busca de ampliação da audiência, em especial do segmento jovem.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; migração AM-FM; Santa Catarina; programação.

INTRODUÇÃO

Vivenciando mais um momento de impacto e mudanças determinantes em seu modo de transmissão, o rádio brasileiro passa pela migração do AM para o FM desde 2016. O processo de troca de banda foi o encaminhamento encontrado pelo governo e por radiodifusores como solução para problemas antigos e bastante conhecido do AM, como as dificuldades técnicas/operacionais de recepção em dispositivos móveis, baixa qualidade do som, incluindo até o risco de fechamento de emissoras por falta de sustentabilidade na oferta do serviço.

Assim, o declínio do AM no Brasil é uma realidade no cenário radiofônico dos últimos anos, levando o meio à uma estagnação, provocando queda de audiência e de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC), Mestre em Educação (UNESC), coordenadora e professora do curso de Jornalismo na UniSATC, em Criciúma/SC. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). E-mail fariaskaki@gmail.com

³ Professora de graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Comunicação (PUCRS). Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBPJor). Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). Contato: valzuculoto@hotmail.com

competividade no *dial*. “A migração foi uma aposta na sobrevivência que permite inserir emissoras analógicas, antes marginalizadas, no ecossistema midiático convergente no qual os dispositivos móveis conquistam cada vez mais centralidade” (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 35).

Diante disso, o objetivo deste artigo é atualizar os resultados da nossa pesquisa, ainda em andamento, sobre as transformações e continuidades na programação de emissoras na troca de espectro, com o olhar para Santa Catarina. Percebe-se o espaço dedicado ao jornalismo nas grades e o alcance geográfico sob nova banda. O intuito é apresentar um panorama contemporâneo geral do cenário no Estado, apontando caminhos e tendências do meio.

As reflexões deste trabalho avançam estudos sobre as adaptações do radiojornalismo durante a migração do AM-FM, oriundas do aprofundamento do tema na tese de doutorado da autora e sua orientadora, defendida em final de 2020, que avaliou as transformações na programação informativa do rádio catarinenses. Dentre alguns achados, ressalta-se que a migração evidenciou a valorização do radiojornalismo, local ou em rede, no entanto, potencialização nem sempre aproveitada pelas rádios catarinenses. Parte das migradas também registra diminuição de espaços informativos nas grades, sobretudo as que aderiram a redes musicais.

Trata-se de uma pesquisa quanti-quali, exploratória e histórica, com estratégias metodológicas que incluem etapas e técnicas como: análise documental, revisão bibliográfica; coleta de dados junto às emissoras catarinenses em AM, entrevistas em profundidade com gestores e profissionais de rádio e a análise dos espaços destinados ao jornalismo.

O AM em migração no Estado

De forma generalizada, a migração tem sido compreendida como uma realocação de rádios em AM para as transmissões em Frequência Modulada, com intuito de promover adequações inerentes à modernização do setor. Diante deste fato, o rádio é percebido como negócio, bem como um meio tecnológico e massivo, que se estrutura por meio de estratégias mercadológicas adotadas pelas emissoras projetando um futuro rentável. É nessas estratégias adotadas durante a troca de espectro que focamos nossas análises para entendermos os impactos nestas emissoras.

Para além das questões técnicas e evolutivas do rádio enquanto meio de comunicação, a Migração do AM para FM vem impactando a programação das emissoras migradas. Mesmo que as adaptações não apareçam uniformemente, algumas questões sinalizam para alterações significativas das grades em Frequência Modulada. Alterações que vão desde enxugamentos no quadro de colaboradores e redações ao conteúdo, além do aumento do alcance de sinal com incidência de menos “ruídos” no AM. Diante disso, é importante discutirmos o potencial legado da troca de banda para um melhor aproveitamento das características do rádio que o tornam um dos meios mais adequados à prática jornalística, em especial do jornalismo local/regional (ZUCULOTO, 2012).

Em todo o país, já são 800 rádios aperando em nova banda até meados de 2021, um número expressivo de aproximadamente 50% das empresas que solicitaram a mudança ao Governo Federal. Nos últimos meses também avançaram os processos de troca para o FM estendido, que dependiam do desligamento da TV analógica.

No contexto brasileiro, segundo o site tudoradio.com (2021), o estado do Paraná conta com o maior número de migrantes até o momento, 102 ao total. Na sequência estão São Paulo e Minas Gerais, com 93 e 91, respectivamente. Os dados variam entre estados devido a vários fatores, como “número de estações aptas a migrar para o FM, avanço e disponibilidade da canalização no dial FM (entre FM convencional e FM estendido), tamanho dos mercados, entre outros pontos” (STARK, 2021, online).

Ao se iniciar a efetiva migração em Santa Catarina, a partir de 2016, o estado contava com 99 emissoras AMs. Destas, 66 já migraram até início de julho deste ano de 2021, sendo que ao menos uma dezena delas aderiu a alguma rede ou grupo de rádio musical nacional e/ou regional. No FM, então eram 307 rádios. As Educativas chegavam a 16 e as Comunitárias somavam 139, de acordo com a Associação Catarinense de Radiodifusão Comunitária – Acracom (2017). Na época e também agora, com a migração avançando, as estações comerciais representam 72,3% do quadro radiofônico catarinense, totalizando 406 emissoras.

Para o presente estudo, nossas reflexões principais derivam de um *corpus* específico, que nos deu certa representatividade para análises dos espaços de radiojornalismo nas programações, levantamos dados quantitativos que nos proporcionaram perceber um horizonte sobre a troca de banda. Assim, retratam, principalmente, as observações de 12 emissoras entre as 42 que pesquisamos mais

profundamente, por meio de entrevistas com os seus gestores e/ou proprietários, além de acompanhamento de suas programações. Este elenco de 12 emissoras é constituído por duas de cada mesorregião de Santa Catarina, Norte, Sul, Grande Florianópolis, Oeste, Serrana e Vale do Itajaí.

São as seguintes as rádios com reflexões aqui enfatizadas: Rádios Demais (Itaiópolis) e Brasil Novo (Jaraguá do Sul) no Norte; Rádios Marconi (Urussanga) e Difusora (Içara) no Sul; Rádios Jornal A Verdade (São José) e Guararema (São José) na Grande Florianópolis; Rádios Super Condá (Chapecó) e Caçanjurê (Caçador) no Oeste; Rádios Coroado (Curitibanos) e Clube (Lages) na Serrana e Rádios Belos Vales (Ibirama) e Pomerode (Pomerode) no Vale do Itajaí. Estabelecemos os critérios para selecioná-las com base em fatores diversos, dos quais destacamos: ter representantes de cada uma das mesorregiões catarinenses, para conseguirmos compor um panorama geral do Estado, evidenciar mudanças drásticas na programação ou constituir histórico de rádios tradicionais existentes em Santa Catarina.

A ideia foi apresentarmos a mudança no Estado não de maneira estanque, mas vislumbrando possibilidades conforme estas observações, entrevistas e escuta radiofônica. Aqui apresentamos os principais e mais amplos resultados, inclusive citando textualmente algumas das respostas dos radiodifusores, sem nem sempre identificá-los, pois nosso objetivo maior é traçar o panorama geral da migração até o momento e não quadros ou temas específicos.

As estratégias das empresas para o enfrentamento da crise do AM variaram, tanto pelo seu caráter regional ou mesmo por conta do perfil de gestão da emissora. Percebeu-se alterações que vão desde a plástica, mudança e/ou manutenção na programação ou à adesão a uma rede nacional/regional de rádio, entre outros.

Mais de 80% das rádios catarinenses pesquisadas na tese de doutorado que dá suporte a este artigo avaliaram como positiva a migração para o FM. Sendo que, das emissoras que responderam à pergunta, nenhuma delas sinalizou descontentamento com a mudança de banda. Os outros 20% disseram que o processo foi parcialmente bom. Apontamentos que já vínhamos demonstrando em estudos anteriores e apresentados em eventos da área, quando afirmamos que a expectativa, com a migração, era aumentar o faturamento com a melhora na qualidade do som, atraindo assim novos anunciantes (ZUCULOTO; FARIAS, 2019).

A maioria dos gestores entrevistados, 62,5% dos ouvidos, percebe a migração como um horizonte na busca pelo rejuvenescimento das audiências em um ambiente de convergência. De acordo com Lopez (2016, p. 1), “um dos grandes desafios do rádio é rejuvenescer sua audiência, compreendendo sua configuração e de que maneira ela se reflete no conteúdo do rádio e em seu consumo”. A faixa etária de maior foco na captação de ouvintes, na visão dos gestores catarinenses entrevistados, está entre jovens de 20 a 24 anos. Porém, as faixas até 40 anos também fazem parte do alvo dos donos de rádio na conquista de novos públicos.

Como mencionamos, as adaptações da migração nas rádios catarinenses não vêm ocorrendo de maneira linear. Um exemplo disso, foi que a mudança na programação não foi consenso entre os empresários, já que parte deles mudou pouco ou quase nada suas grades. A opinião dos proprietários se dividiu bastante, com mais de 30% para cada opção. Ou seja, alguns deles modificaram somente a plástica da emissora, reforçando até um certo conservadorismo do AM, como afirmou um dos gestores: “Somos uma rádio de interior, não podemos modificar bruscamente a nossa programação. Temos ouvintes fiéis há mais de 50 anos”

Dentre as justificativas das respostas, os entrevistados apontaram a manutenção da programação por diversos fatores, como o fato de serem interioranas e, por isso, deveriam continuar com o mesmo formato. “Nós temos uma parcela alta de ouvintes, pesquisas mostram isso na região, então não seria conveniente arriscar”, disse um dos radiodifusores. Outro descreveu que a “identidade do AM precisava ser mantida em nova frequência para continuar com uma audiência consolidada há mais de sete décadas”. Um deles foi mais taxativo: “Tínhamos um universo de ouvintes consolidados e abrangentes nas Ondas Médias, por isso somente acionamos um equipamento operando no que existia”, observou.

Em nossas reflexões durante o desenvolvimento da pesquisa, já evidenciávamos este conservadorismo de empresários que vinham tratando um dos maiores fenômenos contemporâneos do meio como mera adequação de modulação. Não apostaram ao longo do processo, por exemplo, no planejamento quanto a uma possível programação mais atual e totalmente adequada à identificada potencialização para ampliação do espaço jornalístico, sobretudo para a prática do jornalismo local/regional.

Essa falta de criatividade acaba por reforçar essa lacuna no setor, como disse Cebrián Herreros (2008, p. 339), ao afirmar que a velocidade informativa enfraquece a

possibilidade de pensar programas inovadores, já que, todos os dias, novos temas são tratados e algumas renovações incorporadas, “mas não se pode insistir nelas porque, no minuto seguinte, surge como de um só golpe, outro fato informativo. São programações que se debatem entre a continuidade radiofônica e a cobertura acelerada da atualidade”.

Desse modo, pelas palavras do autor, o novo na programação informativa perdeu espaço para fórmulas consagradas, de bom retorno financeiro para as empresas e de público, e estagnou por aí. Se há algum espaço para a criatividade, no rádio, é nos programas especiais e nas reportagens, embora o gênero esteja cada vez mais esporádico no meio que vem atuando com redações cada vez menores, mais enxutas.

Alcance pós migração do AM-FM

Ao dar início à pesquisa sobre a troca do AM para o FM, trabalhávamos com a possibilidade de esbarrar em um problema antigo das transmissões eletromagnéticas no rádio, o seu alcance. Nossas primeiras verificações sinalizavam para uma perda na transmissão do sinal em FM, justificada pelo formato da onda de propagação, ou seja, como o AM acompanha a curvatura da terra, “fica sujeito a grandes quantidades de interferências e ruídos de estática em meio à quantidade de reflexões sofridas, já o FM se propaga em linha reta do transmissor ao receptor. Por isso, possui melhor qualidade sonora e menor alcance” (CURADO, 2015, p. 63). No entanto, a realidade não é a mesma das rádios catarinenses que migraram para a Frequência Modulada desde 2016.

Análises anteriores nossas já apontavam para um ganho significativo de alcance geográfico das emissoras migradas. Todas as entrevistadas melhoraram o sinal irradiado, em regiões antes nem alcançadas. O fato foi constatado em cada entrevista realizada com gestores das rádios que agora estão em FM, bem como na fala do engenheiro da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão, a ACAERT, Luiz Rosa dos Reis (2019). Ele explicou em entrevista que, mesmo com potências reduzidas comparadas ao AM que tinham anteriormente, o sinal das FMs atuais alcança grandes distâncias por não sofrer interferências 119 eletromagnéticas. O profissional explicou ainda sobre a viabilidade de troca de banda às rádios que precisarão do FM estendido.

Assim como não foi possível garantir canais para todas as emissoras de Ondas Médias no dial convencional, também não foi possível garantir que as FMs tivessem a mesma cobertura que as atuais Ondas Médias. Isso significaria conceder níveis de potência para as FMs que faria com que menos frequências pudessem ser viabilizadas na atual faixa do FM. Ou seja, quanto maior o nível de potência irradiada, menos canais eu consigo colocar na faixa atual. Porém, as emissoras preferiram migrar mesmo tendo uma menor cobertura, porque embora as AMs cobrissem distâncias maiores era com muito ruído, garantindo uma área livre de interferências (REIS, 2019).

A declaração do engenheiro da ACAERT vai ao encontro do que disse o diretor-proprietário da Rádio Condá, de Chapecó, Alfredo Lang. Conforme o empresário, a emissora chapecoense optou por reduzir a potência como forma de evitar a migração para o dial estendido. Lang (2020) explica que a emissora tinha no AM capacidade para operar com 70KW, mas escolheu lançar sua versão em FM com potência bem menor e passou a operar em novo espectro ainda em 2020. Migrada desde abril deste ano, a Condá FM possui atualmente 15KW, mas não perdeu em alcance o sinal.

A Rádio Marconi, de Urussanga, no Sul do Estado, é outro exemplo de melhora no alcance do sinal em outras localidades. Em virtude da abrangência ampliada para municípios com quase 100 quilômetros de distância da cidade de concessão, o conteúdo jornalístico sofreu alterações. “Mudamos um pouco o pensamento de rádio local para uma rádio de conteúdo mais regional, buscando assuntos relevantes a um público maior”, disse o gestor entrevistado (NICLELE, 2019), afirmando que assuntos de cidades vizinhas passaram a ser divulgados na programação da Marconi. Na Rádio Caçanjurê, no oeste catarinense, das poucas alterações após a migração, a emissora ampliou o espaço informativo dedicado à sua região de abrangência. O objetivo, conforme a gestão, foi levar informação aonde a Caçanjurê antes não tinha audiência (CAREGNATO, 2019).

Sendo assim, em relação ao alcance de sinal, as rádios de Santa Catarina têm registrado resultados bastante positivos, que refletiram no conteúdo de muitas empresas radiofônicas. Este fato corrobora para essa (re) conformação de informação em cidades antes não cobertas pelas ondas em Amplitude Modulada.

Os espaços da programação

Santa Catarina, como dissemos, não apresentou mudanças lineares, tendo em vista as emissoras analisadas, com algumas delas operando com alterações na programação, outras simplesmente trocaram o *dial*. O que se vê pelo Estado são estratégias variadas, como por exemplo seguindo modelos de uma grade eclética (MORGADO; CRUZ, 123 2017) de rádio, ou somente musical, podendo chamá-las de versáteis, seja no entretenimento e/ou na informação.

Em Curitiba, na região serrana, a Rádio Coroadó também apresentou alargamento da informação radiofônica. O programa destinado às notícias da cidade e região no início do dia, o *Jornal da Manhã*, ganhou mais tempo na grade. Antes da mudança para o FM, o radiofônico tinha apenas 30 minutos de duração. Ao deixar o AM, o matinal passou a ter 50 minutos.

Outra aposta da emissora para ampliar o jornalismo foi a criação de noticiários rápidos, informativos de hora em hora, com a síntese dos últimos acontecimentos na região que antes não ocorriam. Em entrevista para a pesquisa, o coordenador de programação Claiton Bohnenberger (2020) explicou que a emissora pretende transmitir um programa novo, ao final do dia, também com informações locais, com intuito de ampliar ainda mais a grade informativa.

O horário noturno, que havia perdido espaço para a audiência da televisão nos últimos anos, foi outro ponto de transformação na migração para o FM em algumas emissoras. O diretor do Grupo SCC de Comunicação, Roberto Amaral (2017), detalhou que algumas das alterações na Rádio Clube se deram no período noturno. Desde a migração para o FM, programas da noite passaram a contar com um locutor até as 23h, buscando uma maior interação com o público, fato que constatamos em algumas das rádios ouvidas. Anteriormente o espaço era utilizado somente com músicas sem a presença de um comunicador no estúdio. Entretanto, pode-se considerar esta uma mudança na programação, principalmente como tendência para incrementar a informativa/jornalística, já que o funcionamento ao vivo de uma emissora permite maior agilidade e prática do jornalismo. Outras rádios investiram no horário e não integram este corpus, mas participaram de estudos focados na nossa pesquisa maior ainda em andamento, como a Verde Vale de Braço do Norte e a Cruz de Malta, em Lauro Müller, o que demonstra uma tendência a ser explorada.

O estilo que apontamos como versátil vem se ampliando no processo de migração do AM-FM em Santa Catarina. Fato evidenciado, principalmente, como um

posicionamento de mercado bancado por rádios que pertencem a grupos regionais de comunicação, ou mesmo detentores de empresas menores, porém proprietárias de mais de uma estação. Assim, o que percebemos foi que se uma das emissoras é voltada ao musical a outra do grupo acabou apostando em conteúdos informativos, ou vice-versa, por questões mercadológicas após a troca de espectro.

Um exemplo foi o que aconteceu em Lages, na serra catarinense. A Rádio Clube permaneceu com a mesma programação que tinha no AM, mesclando uma grade ora voltada à música, mas com predominância de um rádio mais falado (KAPLÚN, 1978). A emissora faz parte do grupo SCC de Comunicação, que possuía, na mesma cidade, a CBN, com nome social de Rádio Araucária. Com a migração para a Frequência Modulada, a CBN aderiu à rede Massa, mudando completamente o estilo, passando para o musical no lugar das notícias e do *all news*. Segundo Amaral (2017), a manutenção da grade na Rádio Clube se justifica pela mudança na CBN, sendo que dessa forma a empresa conta agora com duas emissoras com segmentos distintos entre eles.

Um outro aspecto que merece destaque é o crescimento no número de redes de rádios musicais durante o processo de Migração do AM para o FM. Essas redes de rádios via satélite se dividem em perfis voltados ao entretenimento e, em alguns casos, intercalando notícias ao longo da programação. Das 66 rádios migradas em Santa Catarina, ao menos dez delas passaram a irradiar programação de uma empresa matriz. Foi assim que a Guararema, de São José, passou de uma rádio muito mais falada no AM para um gênero, em FM, musicalizado (KAPLÚN, 1978). Com a mudança no dial e no estilo de programação, a Massa passou a ter espaços mais escassos de informação jornalística, diferentemente do ocorria antes da troca de banda em 2017.

Outro impacto que merece ser avaliado e que foi sentido na Difusora de Içara, na região Sul, e em outras emissoras que passaram a retransmitir redes de rádio musicais após a migração foi o enxugamento do esporte na programação. A emissora tinha equipe esportiva e transmitia os jogos, com ênfase nas disputas do Criciúma Esporte Clube. Desde que migrou, a Rádio Massa não possui mais programas esportivos, respeitando a programação da geradora do grupo.

Na programação atual, o carro-chefe do jornalismo é apresentado por um jornalista que já atuava na Difusora. A ideia foi manter uma certa identidade com o público que já ouvia a emissora desde 1982, fundação da rádio. No programa são realizadas entrevistas das mais variadas áreas, com espaços para as questões políticas

regionais. O programa não conta com reportagem externa, como tinha anteriormente no AM. Mesmo que reduzido, ao menos um espaço específico para o jornalismo local foi mantido, o que entendemos como um dos pontos positivos identificados nas duas rádios Massa, de Criciúma e Florianópolis. O horário matinal manteve o caráter local de informação, incluindo os apresentadores de antes do processo de mudança para o FM. Entendemos que a manutenção de programas sobre o entorno dos ouvintes se baseia, no que diz Rocha (2015), na proximidade da comunidade, tão essencial para a manutenção da sociedade.

Evidenciamos o enxugamento dos espaços em emissoras como a Guararema e a Difusora por entendermos que, por serem consideradas locais antes da migração, desempenhavam um papel social capaz de incentivar iniciativas locais permitindo até que as comunidades se conhecessem melhor. Com a adesão a uma rede musical, percebemos a diminuição de espaços na programação destinados ao entorno.

Considerações finais

Foram muitos os ganhos com a migração para o FM. No entanto, a troca no *dial* também foi uma saída estratégica para os negócios dos donos de rádios, quando muitos aproveitaram o “momento de mudança” para efetivar cortes, romper contratos e reduzir despesas com pessoal. O argumento do rejuvenescimento da marca colaborou para esse quadro de reduções e enxugamentos. A adesão a redes de rádio também se evidencia como mudança marcante em boa parcela das emissoras migradas para a Frequência Modulada. E quando esta transformação se refere à filiação a redes musicais, já verificamos perdas para o rádio local e mais ainda para o jornalismo radiofônico, em especial para o praticado com esta concepção de é um meio de proximidade. Evidências sobre as quais continuamos a aprofundar nossos estudos e nos debruçamos em outros artigos ainda a serem apresentados e/ou publicados.

A migração impulsionou emissoras que estavam estagnadas na última década a planejar seu crescimento no FM, ou seja, a troca de banda em alguns casos significou não apenas alternar a frequência, mas preparar e motivar equipe, criar expectativa junto à audiência e sinalizar para o meio publicitário o investimento que se fez nesta renovação. Claro que nesses impactos também observamos, como já dito, o

enxugamento de espaços de informação e mesmo cortes de profissionais em algumas empresas.

Um paradoxo ao pensarmos no novo, em tecnologia, em avanços, mas sem investimento na contratação de profissionais. A migração tem representado novas contratações principalmente para atuação em redes sociais. Ou seja, profissionais hoje atuam em uma área que se distancia, muitas vezes, da prática jornalística e mais se aproxima do marketing, com estratégias voltadas aos cliques e à consolidação da marca. Em compensação, repórteres nas ruas estão cada vez menos visíveis na programação das rádios, e a pandemia do novo coronavírus, que atingiu o planeta em 2020, exacerbou ainda mais estes pontos.

Enfatizamos que a pesquisa é uma espécie de fotografia do momento, tendo em vista as muitas mudanças que ocorreram mesmo durante o processo de coleta de dados, como por exemplo o alcance desmistificado de que as FMs perderiam ao trocar a banda. Tabu entre muitos radiodifusores, a expectativa inicial das empresas era perder, e muito, o alcance de sinal. Porém, a situação não ocorreu por conta da grande interferência eletromagnética que atinge as ondas de Amplitude Modulada. Sendo assim, a troca de espectro superou expectativas nesse quesito, com rádios chegando mais longe em municípios que já não eram alcançados no AM, sobretudo em função da falta de atualização tecnológica e investimentos na Amplitude Modulada.

Em contrapartida, no nosso entendimento, muitas empresas perderam a chance de desenvolver o rádio informativo como uma alternativa de se aproximar de um público que estava cada vez mais distante de meios tradicionais. Já outra parte dessas emissoras percebeu que as pessoas não ligam mais o rádio somente para ouvir música, algo que as plataformas digitais oferecem em abundância, mas que o motivo da sintonia está na busca de informação, do local, da prestação de serviço e da comunicação interativa com comunicadores. Uma pena que este *start* não tenha alcançado todos os gestores do meio.

Por fim, apontamos ainda que as análises propostas neste estudo deixam margem para novas investigações, tanto nossas quanto de outros autores ou de mais olhares sobre a Migração do AM-FM, não só com recorte em Santa Catarina, mas realizável em outras localidades Brasil afora. Além disso, pelo fato de nós prosseguirmos na investigação das consequências da migração AM-FM no rádio catarinense, acompanhando o processo ainda em andamento, novos achados devem emergir e

aprofundamentos de análise vão ocorrer, à medida que a nossa pesquisa e igualmente a migração avançarem. Afinal, para o secular rádio brasileiro, o de antena, um meio que mesmo centenário cada vez mais amplia seu sentido de permanência, a migração AM-FM é um dos seus maiores fenômenos.

REFERÊNCIAS

- ACRACOM - Associação Catarinense de Rádios Comunitárias. **Rádios comunitárias de SC**. Disponível em: <http://abracosc.com.br/?cat=344>. Acesso set. de 2017.
- AMARAL, Roberto. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2017.
- ANATEL. **Agência Nacional de Telecomunicações**. Localiza registro. 2017. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/easp/Novo/Consulta/Tela.asp?OP=E&SISQSmodulo=16587>. Acesso: maio 2017.
- BOHNENBERGER, Claiton. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.
- CAREGNATO, Marilene. Entrevista Concedida a Karina Farias. Criciúma, 2019.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **A criatividade no contexto do rádio atual**. Teorias do rádio: Textos e contextos. Florianópolis, Insular, v. 2, p. 337-363, 2008.
- CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM: Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica**. Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2015.
- GUIDI, Carolina. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.
- KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**. Ciespal, 1978.
- LANG, Alfredo. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.
- LOPEZ, Debora Cristina. **(Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência**. In: Valci Zuculoto; Debora Cristina Lopez; Marcelo Kischinhevsky. (Org.). Estudos radiofônicos no Brasil - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. 1ed.São Paulo: Intercom, 2016, v. 1, p. 326-342.
- MORGADO, Fernando; CRUZ, Lucia Maria. Globo e Jovem Pan: experiências de programação eclética no rádio FM. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional) 40. – Curitiba-PR, 2017.
- NICLELE, André. Entrevista concedida a Karina Farias. Urussanga, 2019.
- PRATA, Nair.; DEL BIANCO, Nélia. (Orgs.) **Migração do rádio AM para o FM: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018.
- REIS, Luiz Rosa. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

ROCHA, Jeferson Luis Pires. **Processos de produção em radiojornalismo**: um estudo sobre a construção da notícia local nas rádios CBN Natal e CBN João Pessoa. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2015.

SOUZA, Cesar. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

STARK, Daniel. Levantamento: Sem contar com eFMs, migração AM-FM se aproxima de 800 rádios mapeadas pelo Dials tudoradio.com. TUDO RÁDIO, 2021. Disponível em <https://tudoradio.com/noticias/ver/25775-levantamento-sem-contar-com-efms-migracao-am-fm-se-aproxima-de-800-radios-mapeadas-pelo-dials-tudoradiocom>.

TUDO RÁDIO. Migração das AMs, levantamento das FMs. Disponível em: <https://tudoRadio.com/conteudo/ver/45-o-Rádio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>. Acesso em: julho de 2021.

ZUCULOTO, Valci; FARIAS, Karina. **De volta para o futuro**: valorização do jornalismo local na migração AM-FM em Santa Catarina. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019, Goiânia. Anais[...] Goiás: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/2010/1133>.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Editora Insular, 2012.